

# Hora de combater o Bullying

*Como as escolas estão buscando acabar com a prática entre os alunos*

De acordo com dados do IBGE, divulgados no ano passado, 46,6% dos alunos já sofreram algum tipo de bullying na escola. E 7,4% declararam que são humilhados frequentemente, sendo sua aparência um dos principais motivos. O bullying acontece na maioria das vezes de forma velada, sem que seja percebido pelos educadores. Pode ser aquele olhar depreciativo ou de ameaça para com o outro, comentários feitos ao pé do ouvido com a intenção de aterrorizar ou intimidar o colega e que ocorrem de forma frequente, às vezes por um período longo, sem que seja percebido pelos demais.

A vítima – o aluno alvo deste tipo de agressão – por sua vez, não conta para ninguém por medo dos agressores ou por dificuldade de abordar o assunto que o magoa tanto. Normalmente são comentários sobre sua pessoa envolvendo físicos ou comportamentais com os quais já tem dificuldade de lidar. A melhor forma de ajudar é fortalecendo a vítima ou os colegas mais próximos a ela (que já tenham notado algo) para que tragam ao conhecimento de quem pode ajudar, como: professor, coordenador, orientador ou outro educador da escola com quem se sintam mais à vontade.

No Colégio Santa Amália, muito antes da Lei de Prevenção ao Bullying (Lei Federal 13.185), já desenvolvíamos projetos de formação voltados à

cultura de paz e respeito à diversidade. Acreditamos que o aluno está na escola não somente para aprender conteúdos curriculares, mas também para aprender a conviver com o outro. Essa formação focava o autoconhecimento e as relações interpessoais. “Hoje temos o projeto Cultura de Paz desenvolvido com os alunos do Ensino Fundamental 1 e o de Direitos Humanos no Ensino Fundamental 2. Nele trabalhamos por meio da literatura Infantil e da própria vivência das crianças os valores essenciais para a boa convivência e provocamos o debate na busca de propostas que busquem o respeito ao outro e as possibilidades de resolução de conflitos, por meio do diálogo”, conta Maria Elisa Sperling, Diretora Pedagógica da instituição.

De acordo com Luiz Felipe Caldeira, orientador educacional da Educação Infantil do Colégio Humboldt uma maneira efetiva de ajudar um aluno que sofre bullying é inicialmente identificar a vítima de bullying na escola e/ou em casa. Ele lista alguns comportamentos podem sem indicativos e os pais e professores devem ficar atentos se a criança mostrar os seguintes sinais:

- Não querer mais frequentar as aulas;
- Pedir para mudar de turma ou escola;
- Dificuldade de atenção;

- Queda no rendimento escolar;
- Apresentar sintomas como dor de cabeça ou de estômago, suor frio.

A principal característica do aluno que sofre bullying é a insegurança e a baixa autoestima. Diferente do que pode se imaginar, estas são causas e não consequências do bullying. Alunos com boa autoestima não são vítimas de bullying, pois estes não se sentem atingidos pelas brincadeiras e “perseguições”, assim não viram alvos recorrentes. Nesse sentido, o Colégio Humboldt trabalha desde os anos iniciais a importância do desenvolvimento da autoestima através da relação do aluno com os professores, com os pais e colegas, tendo sempre o olhar atento da equipe para os que já apresentem sinais de baixa autoestima. Além da capacitação das professoras, os pais também são chamados para orientação sobre como contribuir para o desenvolvimento da autoestima de seus filhos. Eles possuem um programa de prevenção ao Bullying que anualmente contempla pais, professores e alunos do FII e ensino médio com palestras de especialistas sobre Bullying, cyberbullying e educação digital. “Acreditamos que promovendo a capacidade dos alunos de reconhecer e identificar os próprios sentimentos e dos outros, assim como o saber lidar com eles dentro de si mesmos e nos relacionamentos, tenderão a buscar soluções não violentas para os conflitos interpessoais, pois aprenderam a falar de seus sentimentos, a compartilhar suas experiências, a ouvir e respeitar o outro do jeito que ele é, com seus defeitos e qualidades, e a olhar para si e se reconhecer como parte do todo”, completa Karin Kenzler, orientadora educacional do Ensino Médio do colégio.

Simone Domingues, professora do curso de Psicologia da UNG Universidade, explica que durante o período escolar a pessoa está criando consciência sobre quem é, por isso é natural inseguranças. O que facilita a existência dos agressores, por eles se fortalecerem das fraquezas de seus alvos. Domingues ressalta a preocupação com a proporção que o medo vivenciado pela vítima pode tomar. “Em situações ele pode levar a uma depressão profunda, tão grave, que a criança pode tentar o suicídio”. Normalmente o aluno não conta que está passando pelo problema, ele tem



vergonha, por isso os pais e professores devem ficar atentos com mudanças de comportamento. Se o estudante passar a não querer ir para a escola, expressar manifestações de isolamento ou até mesmo de violência, pode ser um sinal. O ideal, para Simone, é que as escolas façam dinâmicas e palestras sobre o assunto, para explicar o que é o bullying, ensinar estratégias de ajuda e orientar as vítimas a falarem sobre seu tormento com um responsável.

O assunto bullying e os conflitos na escola são tratados ao longo de todo ano letivo dentro do Colégio Loyola, de Belo Horizonte, por meio de diversas iniciativas que envolvem famílias, professores, coordenadores, funcionários de áreas administrativas e, principalmente, os alunos. São projetos que visam à boa convivência escolar, ao diálogo e ao respeito com o outro, independentemente das diferenças. Os projetos de destaque são: Assembleias, Estreitando Laços, Conviver, além dos núcleos de Apoio Educacional e o de Educação Para a Paz. Nas Assembleias, cerca de mil alunos do 1º ao 5º Ano do EF se reúnem, pelo menos, uma vez por mês para discutirem assuntos de interesse coletivo e juntos encontram soluções. Nesses encontros, o professor atua como mediador da conversa. A cada assembleia, as crianças pontuam o que deve ser conversado, como convivência. No Projeto Conviver, alunos do 5º EF aprendem sobre convivência por meio de literatura específica e atividades a partir dessa prática. São obras que abordam limitações, talentos, singularidades e prevenção de conflitos por meio de histórias. Após o contato com as obras, os alunos são encorajados a atuar

como atores sociais e protagonistas de suas histórias, por meio das escolhas que fazem, exercitando e construindo relações pelas quais aprenderão a se responsabilizar, tudo inspirado no conteúdo dos livros.

Especialistas concordam que a temática deve fazer parte da proposta pedagógica da escola, o respeito às diferenças. “Cada aluno tem a sua forma particular de sentir as coisas boas e ruins que lhe acontecem no cotidiano da escola; mas certamente, sofrer qualquer tipo de bullying não lhe fará bem algum. É difícil achar que um aluno em processo de sofrimento consiga se sair bem nos estudos ou se relacionar de forma tranquila com os colegas. Ele pode se tornar introspectivo, agressivo, apático, desmotivado e desinteressado pelos estudos. Bullying não é brincadeira, bullying é coisa séria!”, finaliza Anna Paula Jorge Jardim, vice diretora do Colégio Nossa Senhora das Dores, de Belo Horizonte.

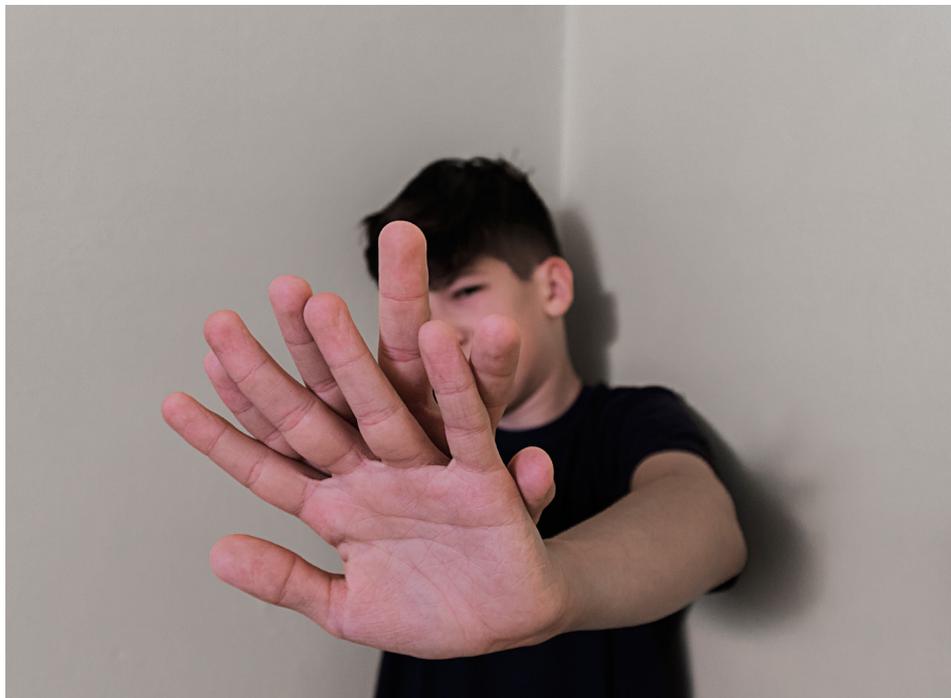
O bullying pode ser o fator desencadeante de depressão em crianças, jovens e adolescentes, mas também nos adultos. As vítimas de bullying também podem desencadear transtornos emocionais, alterações de comportamento, dificuldades sociais e até doenças físicas. “A pessoa que sofre bullying se sente excluída, discriminada, injustiçada, a dor é imensa e o sofrimento pode ser insuportável. Se o problema não for identificado e ocorrer de maneira contínua, pode levar o jovem a desencadear graves enfermidades e coloca em risco a própria vida desse jovem.”, alerta o Dr. Roberto Debski, psicólogo, médico e diretor da Clínica Ser Integral, de Santos.

Marcos Arthur, autor do livro “Entre silêncios e gesto”, da Editora do Brasil, que trata sobre a temática do bullying relata a importância de se debater o tema de forma, muitas vezes, lúdica. “Esse livro conta a história de um garoto (cujo apelido era Tabó) muito tímido, que sofria constantemente bullying dentro da escola. Além da timidez, ele havia contraído, pouco tempo após ter nascido, a poliomielite, mais conhecida como paralisia infantil. Obviamente não foi nada fácil para ele enfrentar as agressões que sofria. Porém, acima de tudo, a história de Tabó é uma história de superação. Posso afirmar que sem a ajuda dos pais, de sua irmã e alguns amigos, ele não teria conseguido enfrentar uma situação assim, tão séria e delicada. Acredito muito no diálogo, acho fundamental que se converse com o aluno atingido e também com os prováveis agressores, junto aos pais de todos os envolvidos. Sem o diálogo (às vezes até com a participação de especialistas), não acredito na perspectiva de amenizar o problema, menos ainda de resolvê-lo.”

Um aluno que sofre bullying precisa de apoio para que a prática seja interrompida. É fundamental que os adultos responsáveis por ele não tenham qualquer forma de tolerância para com esse comportamento. Tania Paris, fundadora da ASEC explica que em qualquer intensidade, desde o que alguns chamam de “brincadeira” até as formas mais agressivas, como envolver os colegas para fazerem cyberbullying, o bullying precisa ser interrompido. “Então, pais e professores devem se comunicar e alinhar as medidas que serão tomadas, e para deixarem os canais de comunicação bem abertos para que o aluno possa ter segurança de contar-lhes sobre as agressões que sofre.”

Crianças e adolescentes que são vítimas de bullying podem se fechar, evitando falar sobre a agressão. É o que alerta Eduardo Calbucci, diretor do Programa Semente e educador há mais de 20 anos. E conta que o que deve ser trabalhado em sala de aula para evitar esse tipo de atitude é a empatia, diversidade, pluralidade e respeito às diferenças. “A escola, a família e a sociedade precisam mostrar a importância de lidar bem com a alteridade. Crianças não nascem intolerantes. Elas são levadas a isso nos processos de socialização. Logo, é perfeitamente possível corrigir esse caminho, e o melhor espaço para isso é a sala de aula.”

Pensando em facilitar educadores e pais, a especialista em educação há mais de 10 anos e CEO da rede Minds, Leiza Oliveira, lista 5 dicas de como combater o bullying na escola:





1. Entenda os grupos formados na escola e promova interação entre eles

2. Fique atento a revistas ou qualquer material que circule pela escola

3. Atenção as redes sociais dos alunos e da própria rede de ensino

4. Converse com os alunos

5. Entenda o convívio desses jovens com os seus pais

Nesse último item, a especialista alerta que a reunião de pais e professores é algo bem comum nas escolas, porém as entrelinhas dessas reuniões é o que evidencia a dica. "Converse com os jovens separados dos pais e se perceber algo diferente do comum, relação intrincada que foge dos parâmetros saudáveis de convivência, leve ao conselho da escola e trace um plano para ajudar nessa relação jovens e pais. Novamente: a omissão é o que faz com que as relações não melhores e docentes devem interferir quando perceberem algo errado.", detalha. Juliane Feldmann, neuropsicopedagoga clínica e coordenadora da Equipe Multidisciplinar no Projeto Aprender com Terapia no Espaço Impar afirma que a criança que não tem nenhum prejuízo social e cognitivo deveria ser capaz de resolver esse tipo de conflito sozinha. Caso não tenha essa capacidade a proteção deve vir de adultos ou instituições sociais, afim de não causar traumas mentais, doenças psiquiátricas, evasões escolares e suicídios. "A superação do Bullying depende das características individuais de cada um, de um suporte familiar que lhe transmita segurança e autoconfiança aumentando assim sua autoestima. Lembro que o agressor também é uma vítima, onde está tentando nos dizer: "Por favor, me inclua, estou vivo, existo,

cuide de mim, olhe para mim!" são crianças sobrecarregadas, carregando a dor e a infelicidade de algo."

A Educação Escolar é responsável por grande parte da formação das nossas crianças, entretanto, esse processo responsável por provocar reflexões, orientar uma formação humana capaz de tornar o aluno apto a integrar a sociedade, pode ser ameaçado por ações prejudiciais, antigamente vistas como apenas "brincadeiras", nomeadas atualmente como bullying. Diferente do que se pensa normalmente, o bullying sempre existiu, porém, o fenômeno começou a receber estudos apenas em 1970 pelo professor da Universidade da Noruega, Dan Olweus. O que chamou a atenção do professor foi o fato de que todos os jovens com tendências suicidas sofreram, em algum momento, algum tipo de ameaça. Desde o reconhecimento

do fenômeno por parte do professor Olweus, o bullying sofreu diferentes mutações, uma vez que a tecnologia e as redes sociais também foram utilizadas para esse malefício, sendo assim, o controle, seja dos pais ou da própria escola, é dificultado nesse ambiente virtual que ainda peca pela falta de legislação para garantir segurança aos seus usuários. Para Caio Fernando de Oliveira - professor e coordenador do Colégio Eniac, acolher os alunos em suas diferenças e demonstrar que a pluralidade é parte fundamental da nossa sociedade é papel da escola. "Para tanto, é imperativo que se ofereçam maneiras de os jovens se manifestarem e se aproximarem uns dos outros, que não somente em momentos realização de trabalhos acadêmicos tradicionais."

Atividades de esportes, de música, de artes diversas, de computação dentre outras devem se conjugar com a grade curricular e transformar a escola em um espaço que se distancie da frieza das aulas entediadas e a transforme em um espaço em que os jovens podem se expressar usando vários recursos. "Aquilo a vem se chamando de "Metodologias Ativas" pode ser uma boa alternativa para melhorar o espaço de convivências entre os alunos e minimizar o bullying, na medida que aproxima os diferentes. Isso porque as referidas metodologias promovem o aluno como sujeito dos processos, que geralmente são coletivos e precisam considerar os contrastes de outros colegas de grupo. Seminários, pesquisas, debates, exposições, textos coletivos, feiras, entre outras atividades podem animar a referida aproximação e promover as diferenças visando uma sociedade mais tolerante.", finaliza Victor Ávila, professor de Língua Portuguesa do Eniac.

